

HOMENAGEM À MEMÓRIA DA PROFESSORA ANA MARIA GALANO

Publicamos a seguir a íntegra dos textos de Gláucia Villas Bôas, Roberta Guimarães e Natália Gaspar, lidos em homenagem à professora Ana Maria Galano durante evento realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Ifcs/UFRJ) no dia 15 de outubro deste ano.

HOMENAGEM FEITA A ANA MARIA GALANO MOCHCOVITCH LINHART

Gláucia Villas Bôas

Estamos aqui hoje reunidos – professores, alunos e funcionários – para nos lembrar de Ana Maria Galano. Ana conviveu conosco durante vinte anos. Com o seu modo especialíssimo de estar no mundo, com alegria, com ironia fina, com seu amor pela cultura e interesse pela política, trouxe para nosso convívio e para nossas conversas acadêmicas, institucionais e pessoais, uma experiência que dizia muito dos eventos biográficos, históricos e políticos que afetaram sua vida e produção intelectual.

Em Ana Maria, a compreensão sociológica do mundo sempre esteve entrelaçada com a imagem – com a fotografia e o cinema, sobretudo –, mas também (e muito) com a literatura. Sua sensibilidade e inteligência para reunir a dimensão da sociologia com a imagem e a palavra era traço que a distinguiu dos colegas, e que certamente vinha de sua formação no início dos anos 1960 na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, onde se graduara em Letras, como gostava de dizer, Anglo-saxônicas, relembrando com humor algumas palavras em alemão.

Mas não era só isso que a distinguiu. Ana conferia, ao “fazer sociologia com a imagem e a literatura”, um sentido político a seu *métier*. Um profundo senso de justiça e a defesa intransigente dos despossuídos, sofredores, pobres, moradores de rua, excluídos, no campo e na cidade, no Brasil e fora dele, compunham sua visão sociológica e sensível (estética) do mundo. Nunca abriu mão dessa herança, que, a meu ver, também veio de seu engajamento político e da vivência de lutas na antiga Faculdade Nacional de Filosofia nos anos de 1962 a 1965 – exatamente quando as artes e a política juntas, nos centros populares de

cultura e em outros movimentos da juventude, faziam explodir o desejo de mudanças no país. Ana fez parte ativa desta geração.

A vida institucional, competitiva e trabalhosa, não lhe roubou o tempo indispensável, fosse para os comentários sobre os eventos da vida política nacional e internacional, fosse para falar de um filme ou de conto que havia lido dias antes. Não lhe roubava o tempo da leitura, ainda que reclamasse de vez em quando. Eu ficava impressionada com a disciplina e regularidade de sua condição de leitora. Nos últimos tempos, leu prazerosamente *Afinidades eletivas* de Goethe, uma boa tradução para o inglês, em livro de capa dura, que comprara barato – dizia ela – no sebo da Marcabru.

Outra lembrança que tenho de Ana é a do enorme círculo de pessoas que conhecia. Pessoas que hospedava em sua casa. Amigos do tempo de exílio e formação em Paris, em Lisboa, na Suíça. Amigos do tempo das pesquisas feitas no cerrado mineiro. Amigos cineastas, críticos de cinema, historiadores da produção cinematográfica no Brasil, na França, no México. Amigos fotógrafos, sociólogos, antropólogos. Amigos da antiga Faculdade Nacional de Filosofia. Amigos alunos e ex-alunos. Seu círculo de conhecidos e amigos impressionava. Quando estávamos juntas, em qualquer lugar que fosse, Ana sempre conhecia alguém. Nisto era imbatível. Ela não prezava simplesmente a amizade, mas cultivava as amizades, com a generosidade daqueles que não só têm a casa mas a alma aberta.

1. FORMAÇÃO, PESQUISA, OS VÁRIOS TRABALHOS

Ana Maria nasceu em março de 1943, em uma família judia, na cidade do Rio de Janeiro. Estudou nos colégios Bennett e Jacobina. Durante muito tempo morou no Cosme Velho. Com a reviravolta política do golpe de 1964, depois da graduação em Letras na Faculdade Nacional de Filosofia, exilou-se na França. Lá graduou-se em Sociologia na Universidade de Paris e escreveu sua *maîtrise* sobre *Alfabetização, pedagogia e política*, uma dissertação acerca dos movimentos de educação de base e idéias de Paulo Freire. Em 1983, defendeu sua tese de doutoramento *Trabalhadores agrícolas e camponeses na reforma agrária de Portugal*, na Universidade de Paris X Nanterre.

É difícil esquadrihar a produção de Ana Maria Ela está espalhada em exposições que organizou, curadoria de mostras de filmes e vídeos (a exemplo dos filmes que selecionou para a mostra do IV Congresso Luso Afro-Brasileiro,

organizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Ifcs/UFRJ), e a belíssima mostra de vídeos que levou para o último congresso da SBS no Ceará, ano passado (2001). Além disso, vídeos que realizou, como *Oxalá Jesus Cristo* – premiado algumas vezes –, e, como gostávamos de dizer, o *cult Continuidades e rupturas: os 50 anos do curso de Ciências Sociais da UFRJ*, que tivemos oportunidade de fazer juntas – aprendi tanto quanto me diverti com Ana na ilha de edição. O vídeo está cheio de *jokings* finos do nosso cotidiano no Ifcs nos finais dos anos 1980. Ela gostava de mostrar o filme de 50 minutos aos alunos do curso de Sociologia III. Pela reação deles ao vídeo, sua maior ou menor curiosidade, avaliava o perfil mais ou menos combativo e militante da turma. Sua participação na produção cinematográfica fica evidente em *Casa-grande, senzala & cia. roteiro e diário*, belíssimo livro que organizou com o roteiro e o diário de *Casa-grande*, o filme que seria realizado por Joaquim Pedro de Andrade. O mais recente texto *Legados e tensões coloniais no cinema*, publicado em Portugal e lido no Congresso Luso-Afro-Brasileiro este ano, no Rio de Janeiro, traz uma análise refinada de filmes de Eduardo Coutinho, Rui Guerra e Joaquim Pedro de Andrade. Além disso, *Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro*, trabalho feito com seus alunos de iniciação científica evidencia seu interesse na docência. Sempre entusiasmada, os escritos sobre a sociologia rural, principalmente sobre o cerrado mineiro, foram evoluindo, desde 1988, para uma discussão sobre natureza e paisagem, sobre a reconversão da paisagem do campo, sobre o memória da paisagem, questões ambientais, ecológicas e políticas.

A produção da Ana me faz recordar um comentário de Simmel em que dizia que sua obra se espalhara de tal modo que cada pedaço provocava efeitos diferentes, sem que se lhe conhecesse mais a origem e o conjunto.

2. O CERRADO MINEIRO

Clareza forte mas no vazio? é o título de um escrito sobre *Corpo de baile*, de Guimarães Rosa, parte da pesquisa sobre o cerrado que apresentou em 1995 em congresso da SBS. Ana Maria foi uma das raras pesquisadoras do cerrado. Somente ano passado, quando assumimos juntas a tarefa e a responsabilidade de apresentar ao CNPq o projeto *As interpretações do moderno no Brasil – imagem e pensamento social*, me dei conta do quanto ela conhecia da região.

Nos últimos dias reli alguns artigos e anotações de pesquisa sobre o cerrado, inclusive o primeiro projeto cadastrado no registro geral dos projetos da UFRJ, escrito por Ana Maria em 1988, *Transformações sociais e modernização do cerrado mineiro*. Estava ela então interessada nas conseqüências da expansão do cultivo intensivo de grãos no cerrado e na análise das relações dos novos donos de terra com os antigos trabalhadores, a vida dos agregados excluídos e os camponeses expropriados. É curioso ver, na seqüência dos escritos, o cuidado da pesquisadora na leitura da primeira carta de sesmarias da região, dos relatos de viagem de Martius e Spix e de Saint-Hilaire, viajante que considerava o cerrado um imenso deserto. Daí evolui para o conhecimento do cerrado através da literatura de Guimarães Rosa. Em *Particulares de "Campo geral" novela de Guimarães Rosa*, um dos frutos da pesquisa, publicado pela revista *Estudos Cebrap* em 1994, Ana Maria argumenta contra a observação de Saint-Hilaire, dizendo que as transformações no cerrado tiveram como pressuposto a visão da região como deserta. Além disso, argumenta contra aqueles que julgavam que "os poucos habitantes não teriam o necessário espírito aventureiro, a coragem ou a mentalidade para lançar-se na conquista da região". Tomava assim partido no debate sobre a suposta inadequação do *ethos* brasileiro à vida moderna. A pesquisa do cerrado foi evoluindo e, nos últimos estudos, procurava analisar as imagens do telejornalismo sobre o cerrado através do programa *Globo Rural*. Tirou quatrocentas fotografias do cerrado com o intuito de discutir preservação da natureza, reconversão da paisagem e conflitos ambientais.

3. A PROFESSORA E SEUS ALUNOS

Nada do que Ana fez, escreveu ou produziu pode ser entendido sem a relação íntima com a docência. Seus trabalhos faziam sentido quando estavam associados à formação de seus alunos, com quem compartilhava todas as etapas dos escritos, dos vídeos, da fotografia, das pesquisas. Ela os levava para campo sempre que podia e eles freqüentavam sua casa para aprender a ver as imagens e conversar. A criação do Núcleo Audiovisual de Documentação (Navedoc) teve repercussão no curso de Ciências Sociais e se inscreveu em dissertações e teses do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), da UFRJ, associando a imagem ao ensino da sociologia. "Ana era uma professora mesmo", me disse uma de suas alunas recentemente, "ensinava e corrigia tudo". Em uma

homenagem a ela, por ocasião de uma cerimônia de formatura do curso de Ciências Sociais, afirmava-se de Ana que *"indicava os caminhos para a viabilização de seus projetos sem abrir mão da crítica sincera, construtiva e necessária (...) mostrava que era possível fazer um trabalho digno quando se acreditava no que se fazia e que as mudanças começavam no cotidiano"*.

Relembrando Ana, gostaria de retomar algumas palavras que Hannah Arendt disse quando morreu seu amigo, o filósofo Karl Jaspers. Naquela ocasião, Arendt disse que, quando um ser humano morre, tudo o que sabemos é o que nos deixou. Procuramos nos apoiar nos seus trabalhos e nas suas obras, mas eles não precisam de nós. São o que a pessoa deixou no mundo, que existia antes dela chegar e continua depois que ela morre. O que ocorre com a obra depende da direção que o mundo toma. Mas o simples fato de que essas obras representam uma vida vivida não se torna imediatamente compreensível e pode ser esquecido. É preciso então lembrar a vida daquela pessoa, o que lhe era mais peculiar, seu jeito, suas palavras, sua maneira de falar, seus gestos únicos. Através de nossas lembranças, das conversas sobre nossas lembranças, fazemos ressoar no mundo de novo aqueles que conviveram conosco.¹

Creio que é o que começamos a fazer juntos esta manhã. Com seu jeito especialíssimo de se mover no mundo, Ana deixa generosamente em nossa lembrança uma figura rica, sensível, cheia de humor e ironia fina.

HOMENAGEM A ANA MARIA GALANO

Roberta Sampaio Guimarães

No dia 7 de outubro de 2002, um importante ciclo se fechou na minha vida e na de muitos outros alunos que tiveram o privilégio de conviver com a professora Ana Maria Galano. Foi nesse dia que tivemos a certeza de que não ouviríamos mais suas tiradas espirituosas, não sentiríamos mais seu afeto sincero e que teríamos de ter, por nós mesmos, as esperanças que ela sempre depositou nos nossos projetos e na nossa capacidade de sermos pessoas melhores.

Para toda uma geração de alunos, Ana foi muito mais do que uma professora atenciosa e cumpridora de suas responsabilidades acadêmicas. Foi,

¹ Arendt, Hannah & Jaspers, Karl. *Briefwechsel* – 1926-1969. München: Piper, 1993.

antes, uma referência pessoal e intelectual, pois através de seu espírito contagiante ganhamos a percepção de um mundo cheio de cores, paixões e assuntos tão intensamente interessantes.

Nos oferecer o seu olhar sobre o mundo foi provavelmente o maior e mais especial presente de Ana. A liberdade de pensamento e de ação, a generosidade e o senso de justiça social eram traços tão marcantes de sua personalidade, que nós, seus alunos, mesmo sem nos darmos conta, éramos arrebatados por eles.

Lembro quando, após me formar em comunicação, soube do trabalho que Ana Maria Galano desenvolvia no Núcleo Audiovisual de Documentação (Navedoc), do Ifcs, e resolvi procurá-la. Ela me chamou para conversar em sua casa. Após alguns minutos de papo, fiz a pergunta que naquele momento mais me instigava: “era possível estudar fotografia nas ciências sociais?”. Ela riu satisfeita da minha questão e respondeu: “tudo o que é humano pode ser estudado nas ciências sociais”. Contando assim talvez pareça pouco, mas foi a partir desse dia que passei a perceber o estudo como algo que não tinha regra ou limite, que poderia ser reinventado infinitamente.

A Ana sempre tinha uma novidade. Um filme, uma foto, um livro incrível para mostrar. Era uma pessoa que de tão generosa cismava em emprestar seus livros mesmo reclamando de tantos outros que não haviam voltado. Sua casa estava sempre aberta para encontros, reuniões ou qualquer necessidade de seus alunos. Mesmo quando tinha pouco tempo e estava cheia de compromissos, o que era freqüente, dispunha-se a tirar dúvidas e a corrigir textos com um rigor muito afetuosos.

A capacidade afetiva da Ana não se restringia a seu círculo de relações pessoais ou profissionais. Era um afeto pela humanidade inteira, uma disposição teimosa de entender o outro e de gostar desse outro. Mas essa afetividade não se manifestava de maneira puramente contemplativa e suave. Porque ela era acima de tudo uma pessoa forte, que defendia suas idéias e convicções para além do que pudesse aconselhar todo o bom senso.

Seu espírito aguerrido foi o responsável pela construção de um trabalho difícil, mas, tenho certeza, extremamente gratificante para ela e para todos que nele se envolveram. Sua dedicação à academia não se restringiu a seus métodos pedagógicos. Seu rigor científico estava presente em cada texto e, até mesmo, na

sua fala tão corretamente articulada, onde não sobravam ou faltavam idéias ou objetivos.

O trabalho na área de sociologia da imagem que Ana Maria Galano desenvolveu durante a maior parte dos 18 anos em que lecionou no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Ifcs/UFRJ) tornou-se referência intelectual. A busca constante de conhecimento conferiu a sua análise das representações visuais um reconhecido aprofundamento teórico e um apurado senso estético. Além disso, à frente do Navedoc, buscou, ao mesmo tempo em que desenvolvia seus projetos, formar toda uma geração de novos pesquisadores e produtores de imagem.

Por isso, tenho razões para acreditar que um novo ciclo se inicia agora. Porque a Ana não deixou apenas saudades; deixou também trabalhos e projetos muito concretos para serem encampados e prosseguidos pelos que fazem parte desta instituição. Não tenho dúvidas do quanto a Ana é insubstituível. Mas não se trata disso. Trata-se sim de encarar com seriedade o importante trabalho que ela teve a disposição e a coragem de iniciar.

É necessário que se olhe para o trabalho que desenvolvia com os alunos da graduação. Que se perceba a importância de um centro de estudos como o Ifcs formar pesquisadores e produtores qualificados na área de imagem. Existe hoje um grupo de cerca de vinte alunos envolvidos nas atividades do Navedoc, seja como bolsistas ligados a projetos audiovisuais, seja em grupos de discussão teórica, seja como produtores de vídeos documentários e etnográficos, ou mesmo como participantes do curso de fotografia oferecido pelo laboratório de pesquisa.

A atenção a esse núcleo tão vivo de idéias está nas mãos de todos. Somente o compromisso intelectual dos que fazem parte desta academia pode fazer que dele nasçam os frutos tão insistentemente cultivados por Ana.

HOMENAGEM PÓSTUMA A ANA MARIA GALANO

Natália Morais Gaspar

Querida Ana Maria,

Hoje, pensei, "vou produzir um texto para homenagear a Ana, na próxima quarta-feira". Soube logo que o computador não seria o meio mais

adequado, porque aquelas letras de máquina são muito impessoais. Além do mais, como você dizia, "o computador cria tantos problemas quanto soluciona". Peguei, então, meu caderno e minha caneta para uma tarefa aparentemente fácil: elogiar uma pessoa cheia de qualidades, agradecer a quem deveras me ajudou e ensinou, falar um pouco da produção intelectual de uma excelente socióloga, dotada de admirável sensibilidade estética e com uma participação política marcada pela rebeldia e pelo senso de justiça.

Mas não era tão simples. Logo vieram as lembranças e, com elas, as lágrimas. Lembranças das nossas reuniões do Núcleo Audiovisual de Documentação (Navedoc), do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Ifcs/UFRJ), que Juliana, ao se aproximar da sala para falar com você, achou tão animadas, pelas risadas que escutou. É que você tinha uma maneira tão peculiar, tão incisiva e verdadeira e, ao mesmo tempo, tão simples, irônica e sutil, de nos mostrar nossos erros, que acabávamos rindo de nós mesmos, achando graça até do nosso próprio desespero em cumprir prazos e exigências.

Não posso deixar de me lembrar com muito carinho dos momentos de irritação em que você reclamava das minhas frases longas demais, da minha incompetência em usar a Internet, das enrolações da Luísa e da Bianca, sempre fazendo mil coisas ao mesmo tempo, da caligrafia incompreensível do Luzimar, das divagações da Ariana. E da sua maneira tão autêntica de chamar a Eliska de Eliska, a xerox de fotocópia, o fascismo de fachismo e a etnografia de etnografia. Isso remete a sua preocupação em corrigir até mesmo os mais ínfimos erros de redação e, mais ainda, à certeza de que aprendi com você a importância de se escolher, exatamente, as palavras certas, para não sermos traídos por elas. As correções no canto das páginas, tão detalhistas e caprichosas, com a sua letra de professora, ficarão para sempre guardadas, como relíquias de um tempo delicioso que não volta mais.

Nem posso me esquecer do sorrisinho no canto da boca, meio sarcástico, ao tentar nos fazer compreender nossos equívocos teóricos e políticos. Como o comentário que você fez ao ler o primeiro rascunho da minha pesquisa no Sana, ainda na graduação: "Que interessante, esses ambientalistas, pessoas tão bem-intencionadas, movidas por valores... Mas cadê o povo desse lugar? Povo, aquelas pessoas que trabalham duro, de sete da manhã às cinco da tarde, tentando prover o seu sustento. Você precisa conhecê-los."

Choro por cada um desses momentos, impressos na memória, que, por serem tão cotidianos, talvez tenham parecido corriqueiros. Agora eles voltam ao pensamento com toda a força, e lamento profundamente não ter lhe dado um abraço muito forte cada vez que nos víamos.

Lembro, com imensa saudade, das aulas. Pequeninha, discreta, falando baixinho, você conseguia fazer-nos questionar nossas maiores certezas e instigar-nos a ir muito além das aparências. Alguns fugiam, talvez com medo de uma incursão tão profunda nos próprios pensamentos e tão reveladora destes. Mas aqueles que permaneceram, sem dúvida, cresceram e evoluíram. Alguns, ainda mais privilegiados, chegaram a conhecer a sua personalidade, conviver com o seu jeito de ser e, conseqüentemente, amá-la.

Lamento pelos novos alunos de ciências sociais, que não terão sequer a oportunidade de conhecê-la. Lamento não ter podido realizar meus planos de levá-la ao Sana. Não para trabalhar ou fazer pesquisa, mas para tirar umas férias e recuperar sua saúde desfrutando as delícias naturais hoje em dia tão apreciadas e disputadas.

Mas prefiro acreditar que, hoje, você se encontra em um estado em que todas as necessidades e vontades são satisfeitas. Em que você não precisa mais conviver nem se irritar com as imperfeições do mundo e das pessoas.

Um dia, cheia de pastas e livros debaixo dos braços, você disse que iria comprar um burrinho, para carregar suas coisas de casa até o Ifcs, confirmando as suas ligações com o mundo rural. Hoje, montada nesse burrinho, já sem cargas para transportar, você ruma, calma, firme e feliz, em direção às estrelas.